

**ATA DO ENCONTRO EM HOMENAGEM E RECONHECIMENTO AO LEGADO DA
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ/MS REALIZADA NA QUARTA SESSÃO
LEGISLATIVA DA DÉCIMA SEGUNDA LEGISLATURA DA ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL**

Aos vinte e dois dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e seis, às quatorze horas e vinte e sete minutos, no Plenário Deputado Júlio Maia, foi aberta esta Audiência Pública, sob a presidência da senhora deputada Gleice Jane, vice-presidente da Comissão de Educação, Cultura e Desporto da ALEMS e proponente do “Encontro em Homenagem e Reconhecimento ao Legado da Fundação Oswaldo Cruz para a Saúde Pública Brasileira”.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Cibele Kraemer de Mello) — Autoridades, parlamentares, representantes de entidades de classe, professores e pesquisadores, boa tarde! Sejam todos bem-vindos! Cumprimos também todos que nos acompanham ao vivo pela TV ALEMS, canal 7.2 da TV aberta, pela Rádio ALEMS, conectada à Rádio Senado na frequência 105,5 MHz, bem como por nossas plataformas digitais. Temos Wi-Fi disponível e, para se conectar, basta localizar em seu dispositivo a rede ALEMS. Informamos, ainda, que estarão disponíveis no site da ALEMS os registros realizados pelos fotógrafos oficiais e as notas taquigráficas, dentro do prazo regimental. Senhoras e senhores, em nome de Sua Excelência a senhora deputada Gleice Jane, vice-presidente da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, recebemos a todos nesta Casa de Leis para o Encontro em Homenagem e Reconhecimento ao Legado da Fundação Oswaldo Cruz para a Saúde Pública Brasileira. Para compor a Mesa deste encontro, convidamos a deputada Gleice Jane, proponente deste encontro e vice-presidente da Comissão de Educação, Cultura e Desporto; o doutor Mário Santos Moreira, presidente da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz); a doutora Silvia Naomi de Oliveira Uehara, assessora técnica da Superintendência Estadual do Ministério da Saúde, representando o superintendente do Ministério da Saúde no Mato Grosso do Sul, doutor Ronaldo de Souza Costa; o senhor Ricardo Alexandre Correa Bueno, presidente do Conselho Estadual de Saúde; e a professora doutora Jislaine de Fátima Guilhermino, tecnologista sênior da Fundação Oswaldo Cruz e coordenadora da Fiocruz Mato Grosso do Sul. Neste momento, teremos a execução do Hino Nacional Brasileiro, com letra de Joaquim Osório Duque Estrada e música de Francisco Manoel da Silva. Agradecemos a presença das seguintes autoridades: doutor Benevides, pesquisador da Fiocruz em Mato Grosso do Sul; Thais Maluf, coordenadora de Comunicação da Fiocruz; doutor Júlio França, diretor da Escola de Saúde Pública da Secretaria Municipal de Saúde; e professora doutora Rosana Mara Giordano de Barros, coordenadora do curso de Odontologia da Escola de Saúde da Santa Casa de Campo Grande, neste ato, representando a reitora do Centro Universitário de Campo Grande – Insted, doutora Neca Chaves Bulaine. Exibiremos agora o vídeo institucional da Fiocruz/MS, intitulado “Ciência e Saúde para Todos”. [Exibição de vídeo institucional]. Para a abertura dos trabalhos e seu pronunciamento, anunciamos a proponente deste encontro, deputada Gleice Jane.

DEPUTADA GLEICE JANE - PT (proponente) — Invocando a proteção de Deus, em nome da liberdade e da democracia, cumprimento a todos e todas! Declaro aberto o Encontro em Homenagem e Reconhecimento ao Legado da Fundação Oswaldo Cruz para a Saúde Pública Brasileira, que tem por objetivo prestar reconhecimento institucional à relevante contribuição da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) para o desenvolvimento científico, tecnológico e sanitário do país. É com muita alegria que realizamos este encontro de homenagem à Fiocruz, dada a importância dessa Fundação para a nossa saúde e também para o Sistema Único de Saúde (SUS). Nós sabemos que a Fiocruz desenvolve um trabalho que alcança comunidades e pessoas que estão em locais onde nem sempre conseguimos chegar. A Fiocruz consegue identificar e acompanhar comunidades indígenas, comunidades da Amazônia, do Pantanal e de diversas outras regiões onde a população está presente e onde, muitas vezes, nós não chegamos. Recentemente, tive a experiência de visitar uma dessas comunidades no Pantanal e, durante a conversa com os moradores, eles me disseram que não havia urna para votação naquela localidade. E ficaram até surpresos com a minha presença, porque aquele não é um espaço onde os políticos costumam chegar. Foi então que compreendi que, onde não chega a urna, a política também não chega. E são justamente esses espaços onde temos mais dificuldade de construir políticas públicas, porque não estamos ouvindo essas comunidades. A Fundação Oswaldo Cruz exerce esse papel e supre uma necessidade que, muitas vezes, nós da política não conseguimos atender. Por isso, a Fundação Oswaldo Cruz tem, para mim, uma importância muito grande, porque investe na ciência, investe no conhecimento e investe na construção de políticas públicas, ajudando-nos a pensar a política a partir da ciência. Nos últimos anos, diante do crescimento do negacionismo com relação à pesquisa e à ciência, como percebemos especialmente durante o período da Covid-19, homenagear a Fiocruz e as pessoas que estão à frente dessa instituição representa uma grande responsabilidade para nós. Precisamos falar constantemente sobre a importância da ciência e do conhecimento como instrumentos para a formulação de políticas públicas e para a proteção da população e da humanidade. Não temos outro caminho que não seja o da produção de conhecimento científico. E a Fiocruz é uma grande parceira nesse trabalho, por isso, estamos muito felizes por estarmos aqui hoje realizando esta homenagem aos trabalhadores e às pessoas que conduzem esse processo, considerando que são elas que efetivamente desenvolvem todo esse projeto. Muitas vezes falamos das instituições, mas precisamos lembrar que elas são formadas e construídas pelas pessoas que atuam dentro delas. Assim, homenagear aqueles que cuidam de nós é sempre uma grande alegria. Fico muito feliz por poder prestar esta homenagem a vocês hoje. Diante disso, quero saudar todos os componentes da Mesa. Costumo dizer também que gosto de quebrar protocolos. Sempre faço algumas coisas de forma diferente porque, na política, nós mulheres muitas vezes precisamos romper protocolos, já que eles nem sempre foram pensados para nós. E, às vezes, isso também é uma estratégia. Por isso, quero saudar todas as pessoas que compõem esta Mesa, mas também quero saudar todo o público presente. Cada um e cada uma de vocês que estão aqui compartilham esse compromisso com a ciência, com a tecnologia, com a saúde e com a população. E pensar a saúde considerando a diversidade da população é fundamental, especialmente aqui em Mato Grosso do Sul. Estamos em uma região de fronteira internacional e temos aqui, pelo menos, sete etnias de povos indígenas.

Além disso, estamos recebendo uma população migrante muito grande, que vem da Venezuela, do Haiti e de vários outros lugares. Por isso, nós temos que ter um olhar cuidadoso e criterioso para receber essas pessoas, garantindo a elas toda a proteção necessária. Então, obrigada pela presença de cada um e cada uma que se faz presente aqui hoje e contam sempre conosco. Acredito muito que a pesquisa desenvolvida pela Fiocruz nos orienta na produção de políticas públicas e, com certeza, o meu trabalho também tem sido e continuará sendo guiado pela ciência. Portanto, um grande abraço a vocês e contam com a gente.

MESTRE DE CERIMÔNIA (Cibele Kraemer de Mello) — Passamos agora à entrega de certificado de reconhecimento pela relevante contribuição da Fundação Oswaldo Cruz na pesquisa em saúde, no fortalecimento das políticas públicas voltadas à promoção da qualidade de vida da população do país e, de forma muito especial, do Estado de Mato Grosso do Sul. Para receber essa justa homenagem, convidamos o doutor Mário Santos Moreira, mestre em Gestão da Inovação e Tecnologia em Saúde Pública e doutor em Políticas Públicas. Na Fiocruz, foi analista de gestão em saúde, atuou em cargos de gerência e direção do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos), na direção do Instituto Carlos Chagas e foi o principal executivo do Instituto de Biologia Molecular do Paraná. Foi eleito presidente da Fiocruz em 2023 e reeleito para o mandato de 2025 a 2028. Convidamos também a professora doutora Nísia Verônica Trindade Lima, representada neste momento pelo presidente da Fiocruz, doutor Mário Santos Moreira. Doutora Nísia é mestre em Ciência Política e doutora em Sociologia. Na Fiocruz, foi diretora da Casa de Oswaldo Cruz, editora científica da Editora Fiocruz, vice-presidente de Ensino, Informação e Comunicação, presidente da instituição, e é pesquisadora emérita. Agora convidamos para receber o diploma de reconhecimento a professora doutora Jislaine de Fátima Guilhermino, farmacêutica industrial, mestre em Química Orgânica e doutora em Gestão e Inovação Tecnológica. Na Fiocruz, é tecnologista sênior e coordenadora da Fiocruz Mato Grosso do Sul. Coordena projetos especiais pelo Núcleo de Planejamento e Gestão de Projetos e é vice-diretora de Pesquisa em Produtos Naturais. Além disso, é pesquisadora, professora e especialista na área de gestão da ciência e tecnologia, desenvolvimento e inovação a partir da biodiversidade, cadeias produtivas e desenvolvimento sustentável. Integra, ainda, o Fórum Permanente de Ciência, Tecnologia e Inovação de Mato Grosso do Sul.

DEPUTADA GLEICE JANE - PT (proponente) — Nós invertemos a ordem das homenagens, que normalmente são realizadas ao final, porque o nosso colega doutor Mário precisa pegar um voo daqui a pouco e nós gostaríamos de tê-lo aqui sendo homenageado. Mas agora quero ouvir as palavras de toda a Mesa e, para isso, gostaria de começar pelo doutor Mário Santos, presidente da Fundação Oswaldo Cruz.

SENHOR MÁRIO SANTOS MOREIRA (presidente da Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz) — Antes de tudo, quero cumprimentar a deputada Gleice Jane por esta homenagem, sobre a qual falarei um pouco mais à frente. Em seu nome, cumprimento toda a Mesa e todos os presentes. Vejo aqui boa parte do Conselho Deliberativo da Fiocruz,

trabalhadores da Fiocruz, o presidente do nosso sindicato, que sempre nos acompanha nestas homenagens, os trabalhadores da Fiocruz de Mato Grosso do Sul e os demais participantes desta solenidade. A senhora me estimula muito para falar, mas eu tenho que me controlar. Eu quero iniciar falando desse papel que a Fiocruz desempenha ao longo de seus cento e vinte e seis anos de existência. Aqui, a nossa unidade completa dezoito anos e já está fazendo a transição da adolescência para a vida adulta, tendo começado muito bem com esta celebração do lançamento desses laboratórios de pesquisa, desenvolvimento e inovação, que se integram, eu diria, perfeitamente ao próprio sistema de ciência e tecnologia e ao sistema de saúde de Mato Grosso do Sul e de seus municípios. Esse é o nosso papel essencial. A Fiocruz não se instala nos territórios para trabalhar sozinha; ao contrário, ela atua na perspectiva da troca, do aprendizado conjunto e do desenvolvimento de soluções para a saúde, para a Medicina e para as próprias comunidades. Acho que isso dialoga muito com o que a senhora comentou. Para a senhora ter uma ideia, hoje a Fiocruz está presente em projetos de natureza biomédica e social em mais de mil e duzentos territórios, o que nos traz uma angústia muito grande, porque o Brasil possui um território continental e uma população de duzentos e treze milhões de brasileiros. O nosso sistema de saúde é o maior sistema público universal de saúde do mundo; não há nada que chegue perto. O que mais se aproxima está em um país que não possui mais de cem milhões de habitantes. E hoje o Brasil é exemplo até mesmo para aqueles países que nos inspiraram no campo da saúde pública, como a Inglaterra e o Canadá. Atualmente, a nossa troca com esses países é muito positiva, no sentido de compartilharmos experiências que fazem parte do desenvolvimento da maior política pública existente hoje no Brasil, a maior política pública do estado brasileiro, que tem conseguido sobreviver mesmo em governos inóspitos às políticas públicas. Ainda assim, ela está instalada no imaginário da população como um direito à saúde. E não é trivial cuidar de duzentos e treze milhões de pessoas. Trata-se de uma população continental, e a Fiocruz tem a sua participação nesse processo, nesse espalhamento nacional que nós temos. Estamos presentes hoje em onze estados da Federação, em todas as regiões e em todos os biomas. Cada uma dessas regiões e cada um desses biomas possuem suas peculiaridades e, se olharmos com mais atenção, veremos que cada território, cada comunidade, cada estado e cada município também têm as suas particularidades, o que traz um desafio muito grande para a Fiocruz. Mas é exatamente nessa dimensão que ela trabalha. Nós temos ampliado sobremaneira essa capacidade, justamente pela necessidade de olhar o Brasil a partir de suas comunidades e de seus territórios. E isso também se insere em um projeto de país, um projeto de desenvolvimento. O Brasil precisa se desenvolver para distribuir riqueza, todos nós sabemos disso. Contudo, até mesmo os modelos de desenvolvimento afetam a saúde da população. Como conversamos hoje, o secretário de Estado de Saúde manifestou preocupação com a produção que se instalou aqui e que já tem demonstrado algumas relações com o estado de saúde da população. Acho que essa é uma contribuição importante da Fiocruz: em cada território, em cada estado, em cada município e em cada região, em plena cooperação e em pleno diálogo com a população, poder desenvolver pesquisa. Creio que essa é a contribuição que trazemos para o Estado de Mato Grosso do Sul. Uma segunda contribuição, também importante e inerente ao papel da Fiocruz, é que nós aqui temos — e a senhora participou hoje pela manhã da nossa cerimônia — o

laboratório, além de outros empreendimentos em curso no estado. São pesquisas desenvolvidas em circunstâncias muito próximas da capacidade que possuímos. Entretanto, não nos limitamos à cooperação local. A Gislaine e eu conversamos muito sobre isso, assim como ocorre com todos os diretores das demais unidades da Fiocruz fora do Rio de Janeiro. Eles têm o papel de representar a Fiocruz e trazer para essa cooperação local todo o nosso aparato científico e tecnológico, colocando-o a favor dessas parcerias. Assim, aquilo que desenvolvemos aqui pode ser fortalecido por toda a rede Fiocruz. Talvez não desenvolvamos diretamente todas as atividades de pesquisa que são importantes para o estado, mas, em cooperação com outras unidades da Fiocruz, podemos desenvolver essas pesquisas em Mato Grosso do Sul. Essa é uma perspectiva muito importante. Pode parecer uma sutileza, mas é realmente fundamental que a Fiocruz se coloque como uma Instituição de Ciência e Tecnologia. Para a senhora ter uma ideia, nós envolvemos quarenta e nove programas de pós-graduação, o que é muito maior do que muitas universidades federais. Temos mais de duas mil linhas de pesquisa. Portanto, trata-se de uma potência científica que não pode simplesmente se reproduzir, como está no Rio de Janeiro, em todos os estados. No entanto, hoje o sistema de ciência e tecnologia da Fiocruz está presente em Mato Grosso do Sul. Então, essa era outra questão que eu queria colocar para a senhora. Por último, entrando agora na fase dos agradecimentos, quero dizer que esse reconhecimento é muito importante para a Fiocruz. Ele afaga a nossa alma institucional e corporativa. Esse carinho é muito bem-vindo e representa, acima de tudo, uma expressão de afeto. É o reconhecimento de tudo aquilo que temos feito ao longo desses anos. A Covid-19 foi um desafio para nós e um aprendizado muito doloroso para o Brasil. Foi a maior crise sanitária do nosso tempo biológico e, mesmo com todo o aparato científico e tecnológico de que dispúnhamos, perdemos mais vidas do que era necessário. Isso nós precisamos repetir o tempo todo. O Brasil possui uma população que representa menos de 3% da população mundial e, ainda assim, contribuiu com 10% das mortes. Esse número é inequívoco e demonstra que poderíamos ter salvado mais pessoas. Estudos realizados por nós comprovam que 80% das pessoas que morreram não eram vacinadas. Produzimos quatrocentos milhões de doses de vacina. O Instituto Butantan e a Fundação Oswaldo Cruz tinham vacinas suficientes para imunizar duas vezes a nossa população. Entretanto, as circunstâncias políticas daquele momento contribuíram para que o nível adequado de vacinação não fosse alcançado. Por isso, deputada, é muito importante o que a senhora citou aqui, mas eu gostaria de aprofundar essa reflexão: onde não chega a urna, não há Estado; e onde não chega a ciência, também não há Estado. Esse é um ponto fundamental. Trata-se de política, da política em sua essência máxima, que é a política pública. Para que a população acredite na ciência, ela precisa compreender qual é a contribuição da ciência para o seu desenvolvimento. E não apenas para evitar o adoecimento, mas para o seu desenvolvimento humano e para a construção de condições dignas de vida. Nesse aspecto, nós falhamos muito. A própria comunidade científica precisa melhorar sua comunicação com a sociedade. A nossa linguagem é, muitas vezes, hermética. Eu mesmo, às vezes, tenho dificuldade para entender o que os meus pesquisadores estão querendo me dizer. Portanto, precisamos saber nos comunicar melhor. Temos que desenvolver um grande trabalho de divulgação científica e de popularização da ciência. Eu já estimulo e desafio a Gislaine a dar uma atenção específica a esse tema. Hoje mesmo ela falava de um evento

que realizamos anualmente: a Fiocruz para Você, ou mais recentemente a Fiocruz com Você. Precisamos transformar essa iniciativa em uma grande atividade de popularização da ciência aqui no estado. Se as pessoas compreenderem qual é o papel da ciência em suas vidas e em seu desenvolvimento, certamente escutarão menos besteiras e acreditarão mais na ciência. Essa é a minha crença. Por fim, mais uma vez, e agora realmente encerrando para não perder o avião, quero agradecer à Assembleia Legislativa deste Estado e, especificamente, à sua iniciativa. A história da Fiocruz em Mato Grosso do Sul é uma história de apoio político. Houve apoio político do Poder Executivo, tanto do estado quanto de alguns municípios, além de parlamentares que apostaram que essa experiência, essa semente que plantamos há dezoito anos, poderia frutificar. E ela frutificou, disso eu não tenho dúvida. Isso ocorreu a partir do trabalho da equipe que veio para cá: o doutor Rivaldo e o Venâncio, que está aqui me olhando compenetrado, nosso querido sergipano, que não apenas lançou a semente, mas trabalhou intensamente nesse projeto. E esses projetos exigem trabalho, articulação política e diálogo com todas as visões de mundo possíveis para que chegássemos ao que temos hoje. A Gislaine está de parabéns porque conseguiu dar continuidade a esse trabalho e, hoje, esse troféu que a senhora entrega à sociedade sul-mato-grossense é fruto do trabalho de vocês. É um reconhecimento mais do que merecido. Muito obrigado, deputada, por essa homenagem. Volto para o Rio de Janeiro muito honrado por ter recebido também uma homenagem em nome de Nísia Trindade, a primeira presidente mulher da Fiocruz e a primeira ministra da Saúde mulher do Brasil, que hoje lança um livro sobre sua experiência à frente do Ministério da Saúde e também da presidência da Fiocruz. Estou ansioso para ler esse livro, porque eu também quero escrever um. Não vou dizer mais nada sobre isso, mas estou realmente muito curioso para conhecer o relato da nossa eterna presidente e ministra e entender o que ela conta sobre aquela experiência tão complexa vivida durante a Covid-19. Gente, muito obrigado. É muito bom tê-los aqui conosco neste dia.

DEPUTADA GLEICE JANE - PT (proponente) — Que bom ouvir essas palavras e saber da importância de ter essas pessoas tão carinhosas com a ciência aqui com a gente hoje. Quero ressaltar, nas palavras do doutor Mário Santos, a referência feita ao doutor Rivaldo, que esteve conosco em Dourados durante o período da chikungunya e foi uma pessoa estratégica e fundamental, com todo o seu conhecimento, para que conseguíssemos controlar a doença no município. Depois de uma visita, ele acionou a Força Nacional e, a partir disso, nós conversamos e fizemos uma mobilização política na cidade. Cito esse exemplo justamente para demonstrar a importância do trabalho da Fiocruz, tanto no nosso papel político quanto no fortalecimento e na proteção da comunidade. Para fazer uso da palavra, convido agora a doutora Silvia Naomi de Oliveira Uehara, assessora técnica da Superintendência Estadual do Ministério da Saúde, representando neste ato o superintendente do Ministério da Saúde em Mato Grosso do Sul, doutor Ronaldo de Souza Costa.

SENHORA SILVIA NAOMI DE OLIVEIRA UEHARA (assessora técnica da Superintendência Estadual do Ministério da Saúde/MS) — Eu cumprimento a todos. Estou aprendendo a cumprimentar toda a Mesa. Não estava esperando vir para a Mesa, mas estou

aqui representando o superintendente do Ministério da Saúde em Mato Grosso do Sul, doutor Ronaldo de Souza Costa, que está em Corumbá participando da entrega de obras, da estruturação e de equipamentos para a saúde, destinados à população daquele município. Estou aqui com meus colegas do Ministério da Saúde e muito feliz por rever meu professor, um primo, além de tantos colegas e tantas pessoas que trabalham próximas da gente. E eu acho que a palavra que define a Fiocruz Mato Grosso do Sul é proximidade: proximidade geográfica e proximidade entre colegas e pesquisadores. Professor Rivaldo, eu me lembro até hoje de quando o senhor chegou com um tablet. Na década de 2000 e poucos, um tablet era algo muito sofisticado. O senhor chegou com aquele equipamento e com a planta da Fiocruz, que havia recebido naquele mesmo dia. Eu estava como médica recém-ingressa na UFMS e me recordo do senhor, com aquele sorriso enorme, mostrando para os alunos, colegas e residentes aquela planta linda da primeira estrutura física da Fiocruz aqui no estado. Houve todo um trabalho para viabilizar aquele espaço, inclusive com negociações junto ao proprietário do terreno. Aquilo foi muito marcante para mim e eu nunca vou me esquecer desse momento. Depois, quando pensamos na importância da Fiocruz para a saúde, acredito que precisamos ter muita clareza sobre o impacto real da pesquisa voltada para a saúde pública. Se hoje somos uma cidade que funciona como uma ilha de baixa incidência de casos de dengue, isso se deve ao método Wolbachia, implantado pela Fiocruz. Só esse resultado, por si só, já justificaria plenamente a presença da Fiocruz em nosso estado. E há outros exemplos. Conheci recentemente a Plataforma Aesop (Sistema de Antecipação de Surtos com Potencial Pandêmico), uma plataforma de vigilância, integração e comunicação de dados. Ela conseguiu detectar, na semana epidemiológica 6 de 2026, uma tendência de explosão no número de casos em Dourados. Essa plataforma, desenvolvida na Bahia, conseguiu enxergar essa situação aqui e emitir o alerta. A partir daí, por volta das semanas epidemiológicas 11 e 12, começaram a ser adotadas as primeiras providências. E isso ocorreu porque alguém de Dourados entrou em contato com a Fiocruz e pediu ajuda, já que, dentro da atenção terciária, havia sido percebido que algo não estava bem na comunidade. Havia crianças com a pele escaldada em decorrência da chikungunya e até mesmo bebês de um e de quatro meses falecendo. E foi justamente a atuação da Fiocruz que deu visibilidade a essa situação epidêmica, porque não adianta ter um excelente método ou uma excelente plataforma de vigilância se não houver integração de dados. Nesse caso, uma plataforma externa ao nosso estado conseguiu detectar a tendência e essa informação foi comunicada. Por isso, precisamos dessa integração entre as instituições. E a atuação da Fiocruz não se limita apenas às arboviroses, embora essa talvez seja a área de maior visibilidade em nossa prática de saúde. Ela também está presente nas síndromes gripais, no monitoramento, na avaliação de tendências e na comunicação de informações em saúde. Além disso, atua nas doenças negligenciadas, como a tuberculose, tão conhecida por todos nós; a doença de Chagas; e a bartonelose, que é tão desconhecida, mas que, quando passamos a pesquisá-la e percebemos que até 10% dos doadores de sangue já tiveram contato com a bartonella, enquanto essa doença ainda não é de vigilância obrigatória nem de triagem obrigatória, começamos a refletir sobre a sua importância. Também estão nesse contexto as leishmanioses, que são altamente endêmicas em nosso estado. E, se há pouco tempo enfrentamos uma epidemia de chikungunya, convivemos permanentemente, em nossas

idades e em nossas vidas, com outras preocupações. A cada copo de água que bebemos, por exemplo, existe a presença potencial de agrotóxicos, e isso precisa ser estudado. Coincidentemente, temos municípios como Ribas do Rio Pardo notificando, nos sistemas oficiais do Ministério da Saúde, mais de cinco mil crianças com Transtorno do Espectro Autista. Ao mesmo tempo, observamos um uso muito intenso de agrotóxicos em diversas áreas de Mato Grosso do Sul. Isso precisa ser estudado. Precisamos investigar a existência ou não de nexo causal. E, independentemente do resultado, é necessário produzir conhecimento, não apenas pelo conhecimento em si, mas, principalmente, pela preservação da vida. Nós, que temos um pouco mais de quarenta anos, sabemos como vivíamos e não queremos ver nossas crianças afetadas, dependentes ou incapazes de se manter futuramente por suas próprias pernas e por sua própria capacidade intelectual. Nesse sentido, o Ministério da Saúde, por meio de sua representação no estado, juntamente com a Fiocruz, a UFMS e a UFGD, elaborou uma proposta para a estruturação de um observatório com laboratório de pesquisa de substâncias químicas em ar, água, solo, seres humanos, animais não humanos e alimentos. A Fiocruz está diretamente envolvida nessa iniciativa e já possui um estudo e uma proposta prontos, inclusive com previsão de gastos e sustentabilidade para os quatro anos iniciais. Entretanto, esse projeto precisa de apoio político, deputada. Precisamos dar visibilidade a essa proposta para que ela seja enxergada e compreendida, ou, pelo menos, para que a necessidade de sua implementação seja reconhecida aqui no estado. Com todas as transformações e rotas de desenvolvimento que temos atualmente, precisamos nos preocupar com essa questão. Então, aproveito esses minutos adicionais que utilizei para lembrar toda a importância que a Fiocruz teve. Costumamos falar que existe uma ciência em Mato Grosso do Sul antes e depois da chegada da Fiocruz. E a Fiocruz gerou frutos: criou oportunidades, formou muitas pessoas e contribuiu para que esses profissionais ocupassem espaços em diversas instituições. Hoje, graças a isso, temos muito mais apoio para tudo aquilo que necessita de estudo, pesquisa e condução isenta. Era isso. Muito obrigada. Parabéns à instituição. Parabéns, professora Jislaine. Já lhe disse que a senhora deve ter tirado um grande peso dos ombros com a inauguração realizada hoje pela manhã. Essa estrutura enorme e muito bem equipada certamente trará mais recursos, mais conhecimento e mais benefícios para o sistema público de saúde. Muito obrigada.

DEPUTADA GLEICE JANE - PT (proponente) — Obrigada, doutora Silvia. Passo agora a palavra ao senhor Ricardo Alexandre Correa Bueno, presidente do Conselho Estadual de Saúde.

SENHOR RICARDO ALEXANDRE CORREA BUENO (presidente do Conselho Estadual de Saúde) — Boa tarde a todos. Parabéns à deputada pela realização deste evento. Nós conversávamos ali atrás e comentávamos que, no ambiente em que vivemos aqui, a questão não é nem de machismo, porque aí já entraríamos em outra discussão. O fato é que, quando se trata de temas ligados ao agro, qualquer evento teria vários deputados presentes. Entretanto, quando se promove um evento em que se pode abordar assuntos como os agrotóxicos, observamos que praticamente não há ninguém presente. Se fosse um evento voltado à ciência genética do boi, aqui estaria lotado. Então,

quero parabenizar a senhora por ter promovido este evento e, em nome do professor Rivaldo, parabenizar todos os pesquisadores que, acredito, estejam aqui presentes e envolvidos com a ciência e a pesquisa. Eu ia comentar isso com o professor, mas ele já foi embora. Se a vida dele é difícil quando se discute ciência em âmbito nacional, em meio a pessoas que defendem ideias como a da Terra plana, imaginem aqui em Mato Grosso do Sul. Muitas vezes não conseguimos dialogar com determinados setores, porque o que parece valer mais é a soja e o boi. Por isso, esse observatório que vocês pretendem implantar certamente será de grande importância para o nosso estado, especialmente para nós do Conselho Estadual de Saúde, que estamos constantemente debatendo a contaminação por agrotóxicos. Eu cito frequentemente os municípios de Vicentina e Fátima do Sul, porque um conselheiro nosso mora naquela região e nos traz relatos e fotografias. Muitas vezes você está em casa, tomando um tererê tranquilamente, e passa um avião ou, mais recentemente, um drone realizando pulverização de agrotóxicos. E esse é um debate que não conseguimos fazer adequadamente aqui no estado, porque, infelizmente, aqui é a terra dos coronéis, onde realmente existem coronéis. Entre os estados das regiões Centro-Oeste e Sul, Mato Grosso do Sul talvez seja um dos que mais se aproximam da política da Região Norte, onde os chamados coronéis mandam na justiça. Assim, por mais que se tente fazer denúncias relacionadas aos agrotóxicos, vai parar aqui ao lado, no Tribunal, e não vai dar em nada. Por isso, quero parabenizá-los por seguirem firmes nessa luta. Parabenizo o professor Rivaldo e todos aqueles que continuam insistindo, denunciando e demonstrando aquilo que consideram importante para a população. Alguém precisa gritar e falar por essas pessoas. Parabéns a todos os pesquisadores da Fiocruz, aos pesquisadores da saúde em geral aqui do nosso estado e de todo o Brasil. Parabéns a todos vocês.

DEPUTADA GLEICE JANE - PT (proponente) — Obrigada, Ricardo. E eu acho que o que o Ricardo traz é importante para a nossa reflexão. Nós sabemos que existem, de fato, movimentos e iniciativas que tentam restringir o desenvolvimento da ciência e da tecnologia voltadas aos seres humanos. O Anastácio Peralta, indígena guarani-kaiowá de Dourados, sempre diz que este é o estado onde um boi vale mais que uma pessoa e onde uma bala vale mais que uma criança. Ele costuma repetir essa frase como uma metáfora para explicar muito do que acontece, principalmente na região sul do estado, onde existem muitos conflitos. Eu tenho denunciado constantemente e de forma incansável que, aqui em Mato Grosso do Sul, estamos observando um aumento de crianças nascendo com deficiências e neurodivergências. Isso não é algo que possamos considerar comum. Precisamos compreender o que está acontecendo, porque esses casos vêm aumentando em grande escala. E, para quem deseja conhecer melhor essa realidade, sugiro observar os dados da educação. Basta visitar uma escola e conversar com seus diretores. Essa situação é visível em todas elas. Os professores relatam essa realidade diariamente. Quando comecei a observar esse fenômeno, fui cautelosa ao falar sobre ele, porque tinha receio de utilizar palavras inadequadas ou de fazer afirmações precipitadas. Mas, com o passar do tempo, passei a dialogar mais com os professores e percebi que essa preocupação está presente em todas as escolas. É uma preocupação coletiva. Por isso, precisamos da ciência. Precisamos compreender o que está acontecendo. As doenças raras, que antes realmente eram raras, hoje aparecem com muito mais frequência. Eu

mesma fui acometida por uma delas. Tive a Síndrome de Guillain-Barré. Descobri o nome da doença durante o processo de tratamento e descobri que seria deputada apenas onze dias depois de ter ficado paraplégica. Foi um desafio muito grande para mim, e eu trago essa experiência para dentro deste mandato em todos os momentos. Inclusive, aprovamos uma lei voltada ao fortalecimento de políticas públicas para pessoas com doenças raras não infecciosas. Portanto, esse também é um trabalho que temos desenvolvido nesta Casa. E eu sei que, diante das pressões políticas, é muito importante que a Fiocruz e todas as pessoas envolvidas com a ciência saibam que não estão sozinhas. Precisamos unir nossas forças sempre que necessário. Em alguns lugares, observo que existe pressão política, que existe medo de avançar em determinados debates e que, muitas vezes, há também um cansaço acumulado ao longo do processo. Mas precisamos compreender que a nossa função é justamente unir forças e seguir adiante, investindo na ciência e na tecnologia. Somente nega a ciência e a tecnologia quem realmente não as conhece, como disse o doutor Mário, mas nós conhecemos e, justamente por isso, sabemos da sua importância. Por essa razão, precisamos caminhar juntos, de mãos dadas. Quero que vocês saibam que não estão sozinhos. Há muitas pessoas empenhadas e dispostas a fazer o debate político em defesa do fortalecimento da ciência, da tecnologia e da própria Fiocruz em nosso estado. Por último, quero aqui convidar a professora doutora Jislaine de Fátima Guilhermino, tecnologista sênior da Fundação Oswaldo Cruz e coordenadora da Fiocruz Mato Grosso do Sul. Doutora Jislaine, hoje fiquei muito feliz ao vê-la pela manhã, quando a senhora subiu ao palco e foi calorosamente aplaudida. Foi possível perceber o grande carinho que os servidores têm pela senhora. E, no momento em que falou emocionada sobre a equipe, isso me trouxe uma sensação de segurança. Eu me sinto segura com a Fiocruz, porque vejo que existe uma boa liderança e uma equipe muito comprometida e concentrada no seu trabalho, o que nos transmite tranquilidade e confiança. Por isso, quero desde já parabenizar a doutora Jislaine e toda a sua equipe. Para quem está acostumado a observar as pessoas e as relações de trabalho, ficou evidente que existe uma forte conexão entre vocês, e nós sabemos o quanto isso é fundamental para o desenvolvimento de qualquer atividade. Então, parabéns! E a palavra agora é sua.

SENHORA JISLAINE DE FÁTIMA GUILHERMINO (tecnologista sênior da Fundação Oswaldo Cruz e coordenadora da Fiocruz/MS) — Muito obrigada! Boa tarde a todos! Quero cumprimentar a deputada Gleice Jane, o Ricardo Bueno, do Conselho Estadual de Saúde, e minha querida amiga Silvia Naomi. Nós temos dialogado muito e, ao longo do tempo, trocado ideias e desenvolvido projetos importantes para Mato Grosso do Sul. Mas eu preciso começar agradecendo à deputada Gleice Jane pela proposta desta homenagem. Eu me sinto muito honrada, assim como minha equipe e toda a Fiocruz, por recebermos esse reconhecimento, que valoriza não apenas a trajetória da instituição, mas também a importância da ciência e da tecnologia na construção de um país mais justo, mais desenvolvido e mais soberano. Ao longo de seus cento e vinte e seis anos de existência — completados agora, no mês de maio —, a Fiocruz tem desenvolvido um trabalho de grande relevância para o nosso país, realizando entregas muito importantes para a sociedade brasileira, e possui uma missão muito bem definida, amplamente conhecida pela população. E, aqui em Mato Grosso do Sul, essa missão ganha contornos próprios, diretamente

relacionados à realidade do nosso território. A Silvia praticamente apresentou quase todas as nossas linhas de pesquisa, demonstrando que realmente existe uma conexão entre as instituições e que temos pensado cuidadosamente naquilo que desenvolvemos aqui. Essas linhas de atuação começaram a ser estruturadas ainda quando o doutor Rivaldo iniciou a articulação para a presença da Fiocruz em Mato Grosso do Sul. Naquela época, realizamos uma série de seminários, não é, Rivaldo? Tivemos um seminário em Bonito, que discutiu a criação da Fiocruz no estado. Depois, realizamos um seminário em Corumbá, voltado à temática de meio ambiente e saúde. Também promovemos dois ou três seminários aqui na Escola de Saúde Pública e, posteriormente, um seminário dedicado à temática da violência. O mais interessante de todo esse processo é que a Fiocruz não chegou aqui dizendo o que iria fazer. Ao contrário, ela construiu sua atuação juntamente com a comunidade científica local, com o Poder Público e com a sociedade. Ou seja, não impôs uma agenda de pesquisa; essa agenda foi construída localmente. Por isso, as nossas linhas de pesquisa refletem hoje os principais desafios de Mato Grosso do Sul, especialmente nas áreas de meio ambiente, saúde, biodiversidade e cadeias produtivas. Estamos buscando estruturar uma equipe capaz de estudar e compreender esses desafios, sempre em parceria com outras instituições. E foi justamente nesse contexto que, juntamente com a Superintendência do Ministério da Saúde, representada pelo Ronaldo e pela Silvia, além da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), construímos a proposta de criação de um observatório para monitoramento de substâncias químicas. A ideia é realizar esse monitoramento nos setenta e nove municípios do estado. Nesse arranjo, a UFGD ficaria responsável pela análise da água; a UFMS atuaria na análise do ar; e a Fiocruz Mato Grosso do Sul ficaria responsável pela análise de amostras biológicas, incluindo amostras humanas, animais e de alimentos. Com isso, temos a quem pedir socorro; vejo aqui a Michele, do Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS), que também representa uma importante área de atuação. Então, isso tudo foi pensado na época da construção. Talvez a Silvia nem saiba, mas eu pedi para o Reinaldo, que está aqui presente, dar uma olhada na nossa proposta e nos ajudar com uma parte da metodologia. Quando pensamos nesse eixo, ele contempla exatamente essa perspectiva, mas também considera o outro lado da questão: como desenvolver novos produtos a partir da biodiversidade. E nós precisamos fazer isso rapidamente, porque corremos o risco de perder algumas espécies. As queimadas estão acontecendo e, com elas, perdemos fauna e flora. Portanto, resgatar e valorizar essa biodiversidade também é algo extremamente importante. Temos ainda outro eixo que trabalha a questão dos agravos transmissíveis e não transmissíveis, especialmente aqueles relacionados aos vírus respiratórios, à dengue, à zika e à chikungunya. É a mesma equipe que atuou intensamente durante a pandemia da Covid-19 e que possui uma vocação muito forte para a vigilância genômica e epidemiológica. Já falamos bastante sobre isso durante a manhã, sobretudo em razão das nossas fronteiras. E não estamos falando apenas das fronteiras com a Bolívia e o Paraguai. Mato Grosso do Sul também faz divisa com outros cinco estados brasileiros, o que amplia ainda mais a importância desse trabalho. Outra linha de atuação fundamental da nossa equipe é a saúde das populações em situação de vulnerabilidade. E, quando falamos disso, estamos tratando da tuberculose, uma doença que afeta especialmente a população do sistema prisional. Nesse contexto, o doutor Júlio Croda desenvolve um trabalho muito

importante nessa área. Mas não se trata apenas dessa população. Trabalhamos também com infecções sexualmente transmissíveis, população em situação de rua, comunidades quilombolas e povos indígenas. Além disso, criamos um eixo específico porque entendemos que era importante ter uma área dedicada exclusivamente à saúde indígena, e nossos pesquisadores, que estão aqui presentes, estão diretamente envolvidos nesse trabalho de campo. Eles realizam estudos antropológicos, mas também atuam em temas relacionados à saúde materno-infantil. Essas equipes estão em campo todas as semanas. A equipe da Renatinha, por exemplo, eu sei que está semanalmente em Dourados, trabalhando com a etnia Guarani-Kaiowá. Enfim, temos buscado avançar continuamente nesse sentido. Outra ação importante da Fiocruz em Mato Grosso do Sul — e acredito que não esteja esquecendo nenhum item, mas, se estiver, alguém pode me lembrar — é a educação, que constitui uma área transversal. Todos esses eixos, como a saúde das populações indígenas e os agravos transmissíveis, dialogam diretamente com a educação. A educação atravessa todas essas áreas, embora também possua uma atuação e uma produção próprias. Além disso, atuamos nos programas de provimento do Governo Federal, formando médicos por meio do Programa Mais Médicos pelo Brasil. Já formamos mais de onze mil especialistas em Saúde da Família e Comunidade, um número realmente impressionante. Eu me lembro de o Rivaldo dizer que nossas ofertas são, em grande parte, na modalidade de educação a distância, algumas semipresenciais e outras presenciais. E ele costumava refletir sobre quantos anos levaríamos para formar onze mil profissionais da saúde utilizando apenas metodologias convencionais. Graças a essas estratégias, temos conseguido dar muito mais agilidade aos processos de formação. Algumas pessoas, inclusive, questionam os cursos autoinstrucionais. Neles, temos um número impressionante de participantes, com mais de um milhão de pessoas inscritas em todo o território nacional. No Estado de Mato Grosso do Sul, alcançamos os setenta e nove municípios. Às vezes, questiona-se a efetividade dos cursos autoinstrucionais, justamente porque são formações mais flexíveis, nas quais o profissional de saúde consegue adequar o ritmo de estudo à sua disponibilidade de tempo e ao grau de dedicação que pode oferecer ao processo formativo. O índice considerado satisfatório de conclusão nesse tipo de formação gira em torno de 20%. No entanto, nós alcançamos resultados muito superiores a esse percentual. Eu costumo dizer que uma informação qualificada disponível é melhor do que nenhuma informação. E nós conseguimos fazer com que essa informação chegasse às pessoas justamente em momentos de crise. Temos, por exemplo, ofertas relacionadas ao manejo clínico da chikungunya e diversas outras iniciativas. E eu me recordo de uma fala do Mário, que dizia que a Fiocruz desempenha esse papel de abrir as portas da Fiocruz nacional. E isso realmente acontece. Nós não vamos conseguir trazer para Mato Grosso do Sul todas as competências instaladas que existem na Fiocruz do Rio de Janeiro, de Pernambuco — estou vendo ali o Manoel —, do Ceará, de Rondônia ou de outras unidades. No entanto, temos condições de fazer essa articulação. Se não tivermos determinada competência instalada aqui, podemos buscá-la dentro do sistema Fiocruz. E isso é muito bacana. Da mesma forma, nas ofertas educacionais que produzimos aqui, também atuamos dessa maneira. É óbvio que não dominamos todas as questões importantes para Mato Grosso do Sul, não temos expertise em todas as áreas, mas sabemos onde buscar quem domina cada tema e, assim, construir as respostas necessárias. A Mpox, por exemplo, foi uma demanda

do Ministério da Saúde para ontem. Foi uma solicitação extremamente urgente, que nos deu um prazo muito curto. Mas por que essa demanda chegou para nós? E aqui eu falo com muito orgulho dessa equipe, que vocês mencionaram como sendo tão bacana. De fato, temos uma conexão muito forte e muito positiva, construída ao longo dos anos. E, para que isso aconteça, é preciso estabelecer relações de confiança. Eu confio na equipe e a equipe confia em mim. Agora, na inauguração realizada hoje, por exemplo, tivemos empresas terceirizadas prestando serviços e ajudando na limpeza dos espaços. Ao mesmo tempo, vimos a nossa equipe de gestão, inclusive a coordenadora de gestão, lavando o piso da entrada porque as pessoas estavam prestes a chegar. Isso demonstra comprometimento. Por isso, sempre digo que a nossa equipe é extremamente comprometida. Tenho muito orgulho disso e considero muito gratificante poder contar com essas pessoas. E por que a demanda relacionada à Mpox veio para nós? Porque somos ágeis na resposta. Isso eu posso afirmar com tranquilidade: nós respondemos. A nossa equipe de educação, inclusive, não está aqui hoje porque se encontra em Brasília. O ministro da Saúde está lançando hoje a Política Nacional de Saúde dos Caminhoneiros e das Caminhoneiras e, nesse mesmo evento, estamos lançando uma oferta educacional. Portanto, esse grupo tem trabalhado intensamente para entregar cada vez mais resultados. Agora, eu preciso ressaltar que nada disso foi feito sozinho. Todas as condições que tivemos para desenvolver esse trabalho decorreram das parcerias construídas ao longo do tempo. E é claro que ainda não chegamos ao ideal. Ainda não entregamos tudo o que temos para entregar. Temos muito a construir. Mas tudo isso só foi possível graças às nossas parcerias, inclusive à parceria com o Parlamento, que é muito importante para nós. Aqui, junto à Assembleia Legislativa, tivemos a oportunidade de participar das discussões da Frente Parlamentar de Combate à Tríplice Epidemia — dengue, zika e chikungunya —, além do lançamento de um jogo, em parceria com o Instituto Federal, voltado ao combate ao *Aedes aegypti*. Esta Casa também realizou uma bonita homenagem à Fiocruz por ocasião dos seus cento e vinte anos de existência, ainda antes da pandemia. Por isso, deputada, para finalizar, eu gostaria de devolver simbolicamente esta homenagem. Entendo que ela não representa apenas um reconhecimento pelo passado e por tudo aquilo que já realizamos. Acredito que ela expressa também um compromisso com o futuro, na certeza de que continuaremos trabalhando juntos e debatendo os problemas que são importantes para a sociedade brasileira. Afinal, esta é a Casa que transforma esses debates em políticas públicas. E eu tenho a convicção de que vamos aperfeiçoar ainda mais essa relação com a Assembleia Legislativa com os deputados, com a nossa superintendência e com todos os parceiros locais. Muito obrigado.

DEPUTADA GLEICE JANE - PT (proponente) — Eu que agradeço imensamente a presença de todas as pessoas aqui presentes. A concretização deste encontro só foi possível graças ao compromisso, à dedicação e ao empenho das instituições e dos profissionais que acreditam na ciência, na pesquisa e na inovação como instrumentos de transformação social e de fortalecimento da saúde pública. Cada parceiro aqui homenageado contribuiu de maneira significativa, promovendo o diálogo, a formação em saúde, o compartilhamento de saberes científicos e o fortalecimento das políticas públicas do Sistema Único de Saúde (SUS). Nossos agradecimentos especiais a todos os



**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL SECRETARIA
JURÍDICA E LEGISLATIVA — SJL
DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA E REVISÃO
ATA AUDIÊNCIA PÚBLICA**

REALIZADA EM 22/06/2026

pesquisadores e pesquisadoras, técnicos e profissionais que fazem a saúde e a ciência acontecerem no chão das comunidades e no atendimento à população dos municípios sul-mato-grossenses. Agradecemos também a participação dos profissionais e dos demais segmentos da sociedade aqui representados. A Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul agradece e aplaude o legado vivo da Fiocruz em nossa terra. Declaro encerrado este encontro (15h39min).